

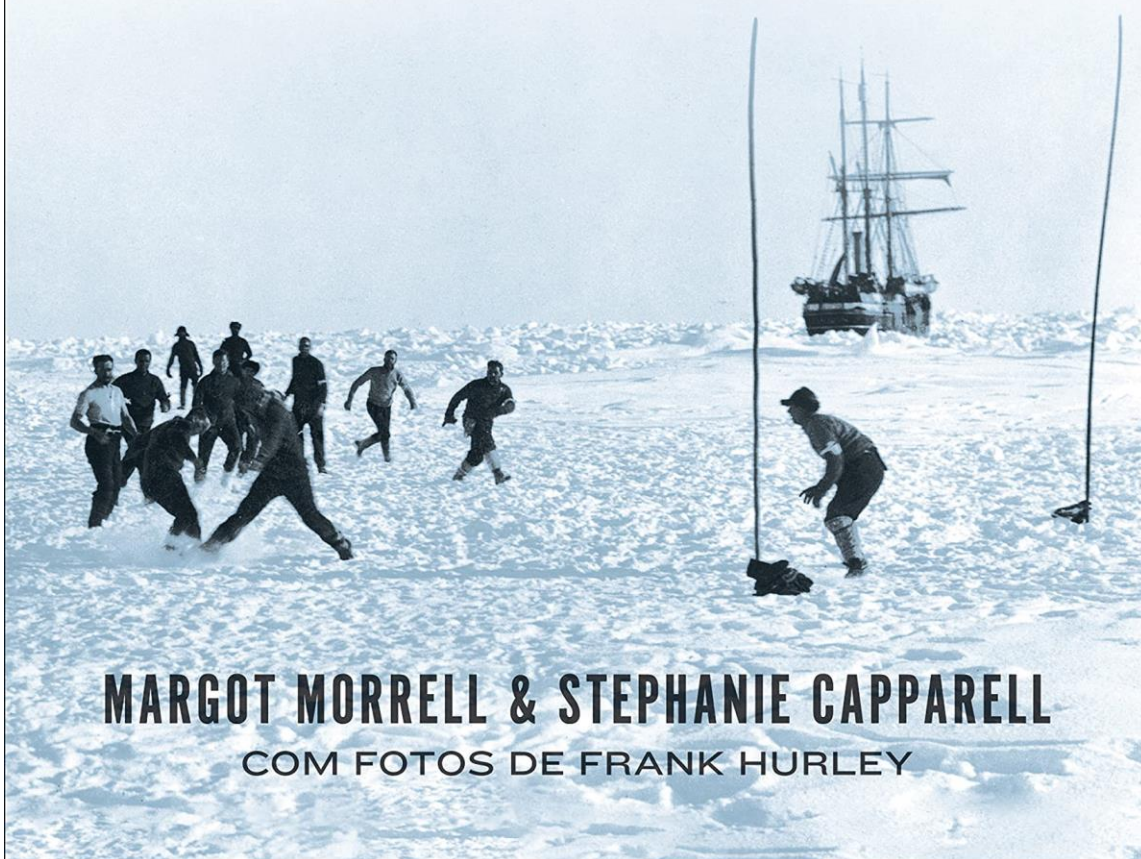
“Por trás de uma história de aventura, um grande livro de liderança.”

— Dava Sobel, autora de *Longitude*

SHACKLETON

UMA LIÇÃO DE CORAGEM

A INCRÍVEL SAGA DE DEDICAÇÃO E HEROÍSMO
DO GRANDE EXPLORADOR DA ANTÁRTIDA



MARGOT MORRELL & STEPHANIE CAPPARELL
COM FOTOS DE FRANK HURLEY

(...)

Os homens correram para a segurança do gelo, exaustos depois dos três dias de luta para salvar o navio. Armaram suas tendas rapidamente e enfiaram-se dentro delas. Mal tinham adormecido, abriu-se uma fissura no gelo que passou pelo meio do acampamento e tiveram de sair às pressas para outro local mais seguro. De repente, ficou claro para todos que teriam de enfrentar desafios extraordinários apenas para se manterem vivos. Sua expectativa anterior fora trabalhar com relativo conforto em um acampamento-base ou fazer as tarefas de rotina do navio. Em vez disso, viam-se isolados em uma vasta e instável camada de gelo, seu único refúgio contra as profundezas do mar de Weddell ou, pior ainda, as mandíbulas de uma baleia assassina ou um leopardo marinho. E a temperatura era de 27°C negativos.

Os leitores modernos podem pensar que a tripulação do Endurance era de uma estirpe diferente – vivendo em uma época em que se dispunha de menos facilidades. É bem verdade que quase todos haviam tido alguma experiência como marinheiros ou exploradores, mas vários eram profissionais formados em universidades com pouco mais de vinte anos e despreparados para o que os esperava. Além do mais, como observou Shackleton certa vez, “quem pediria para ir trabalhar duro nos confins da Terra a não ser gente de uma espécie inteiramente diferente?”.

Vejam como Orde-Lees, o intendente, encarou seus primeiros dias no Endurance apenas catorze meses antes de ter que abandonar o navio: “servimo-nos diretamente da manteigueira, e assim por diante, de forma repugnante demais para ser mencionada. É extraordinário quão rapidamente se cai na barbárie.

R. W. James, de vinte e quatro anos, o físico do navio, um sossegado acadêmico recém-saído da universidade, tornou-se alvo das zombarias dos outros por causa de seus instrumentos esquisitos. Fora criado por duas tias que possuíam uma loja de guarda-chuvas em Londres. Exceto pela mente científica privilegiada, seus antecedentes e temperamento não o recomendariam para o cargo. Alexander Macklin reconheceu o mérito dele em aguentar a situação toda até o fim, considerando-se que estava claramente fora de seu elemento. “Em um acampamento-base, fazendo seu próprio trabalho, tenho certeza de que ele teria parecido outra pessoa, de estatura consideravelmente mais elevada”.

Frank Hurley, com vinte e nove anos, era inteligente, articulado, talentoso e incrivelmente engenhoso, um pau-para-toda-obra, como seus companheiros o chamavam, porém mal-humorado, insociável e solitário. Um amigo, Ian Anderson, achava que, por causa de sua infância difícil, ele crescera sem confiar nos outros. Usava a câmera como um escudo entre si e o resto do mundo. “Ele precisava ter uma máscara. A fotografia não era apenas uma vocação, mas uma necessidade.”

Dali em diante, só podiam contar uns com os outros e com a camaradagem e a cultura que Shackleton estabelecera como fundamento de seu trabalho. Já fora um bocado difícil, quando o navio ficara preso, os homens terem de abrir mão de seu trabalho mais importante. Agora, haviam perdido seu local de trabalho, seus sonhos de glória e até sua moradia. (...).

Trecho do livro: Morrell, Margot. Shackleton: uma lição de coragem : um manual de liderança inspirado numa aventura extraordinária / Margot Morrell, Stephanie Capparel ; com prefácio de Alexandre Shackleton ; tradução Maria Luiza Newlands da Silveira. Rio de Janeiro : Sextante, 2021. 255 p. : il. ; 21 cm.